

UMA ANÁLISE DA DISTRIBUIÇÃO DE ALUNOS ORIUNDOS DE ESCOLA PÚBLICA E PRIVADA EM INSTITUIÇÕES DE ENSINO SUPERIOR

Marcela Lorea Gomes¹; Gabriel Souza Germann Da Silva²; Katia Denise Costa Berni³; Antonia Rodriguez Martins⁴, Rosária Ilgenfritz Sperotto⁵

¹ Universidade Federal de Pelotas (UFPel) – marcelalorea@outlook.com

² Universidade Federal de Pelotas (UFPel) – germann.gabriel.mat@gmail.com

³ Universidade Federal de Pelotas (UFPel) – katiaberni13@gmail.com

⁴ Universidade Federal de Pelotas (UFPel) – antoniela.rodriguez@gmail.com

⁵ Universidade Federal de Pelotas (UFPel) – ris1205@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O Brasil é considerado um país de extremos contrastes sociais. Apesar da concentração de renda ter diminuído nos últimos dez anos, segundo a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad), do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), 10% da população que detêm a renda mais elevada ainda concentram 41,5% do total dos rendimentos de trabalho em 2011. A grande diferença na qualidade de ensino e aprendizagem entre escolas públicas e privadas, aliada à desigualdade da concentração de renda, faz com que os alunos das classes menos favorecidas não tenham acesso às mesmas oportunidades de aprendizado que possuem os alunos de classes privilegiadas, se tornando defasados em termos de conhecimento. O Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB) é um indicador de qualidade de ensino para as escolas brasileiras, no Rio Grande do Sul pode-se observar claramente a diferença entre os índices das escolas públicas (5.1 para 4ª série/5º ano e 3.9 para 8ª série/ 9º ano) e privadas (6.7 para 4ª série/5º ano e 6.1 para 8ª série/ 9º ano). Este indicador reflete bem a necessidade de ações junto à educação para aporte dos alunos do ensino básico, em especial os da escola pública.

Nesse sentido, essa pesquisa tem por objetivo analisar dados referentes as diferenças nos índices de ingresso no ensino superior da escola pública e privada, decorrentes da pesquisa “As tecnologias digitais como modo de subjetivação e aprendizagem”, que decorre de resultados de estudos iniciados em 2007, com 320 estudantes, nativos digitais (nascidos nos anos 90), do ensino médio das redes pública e privada, em Pelotas/RS, Brasil. A pesquisa analisou o modo como estes jovens utilizam as Tecnologias de Comunicação e Informação e percebeu que as mídias sociais fazem parte da vida cotidiana destes estudantes.

Hoje, muitos dos estudantes investigados frequentam diversos cursos de graduação da Universidade Federal de Pelotas/UFPel. Sendo assim, foi feito um recorte da pesquisa para investigar o percentual de alunos da rede pública e privada que ingressam em alguma instituição de ensino superior. Para tanto tivemos acesso ao banco de dados da UFPel e fizemos um acompanhamento e análise das interações destes estudantes no Site de Rede Social Facebook.

2. METODOLOGIA

A investigação opera no campo da cartografia, servindo-se das contribuições metodológicas da etnografia virtual para a coleta de dados. A cartografia é um modo de olhar que considera os coletivos humanos, as tecnologias e os discursos como produtores de subjetividades, que nunca estão

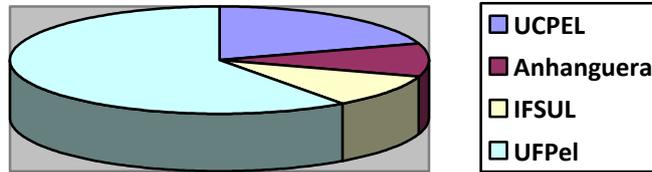
“dadas” ou “acabadas”, mas sempre em processo de constituição. Assim, a cartografia permite aproximações diferenciadas ao campo de pesquisa por estar aberta aos movimentos, aos desvios, à diversidade. O método cartográfico trata de processos construídos durante a sua efetuação, ou seja: não se busca estabelecer um caminho linear para atingir um fim, mas construir um caminho de acordo com as demandas e necessidades que surgem no decurso dos acontecimentos e dos efeitos das proposições nos corpos dos sujeitos. Deleuze e Guattari (1995) sublinham que a cartografia desenha os movimentos que não são completamente aprendidos, mas, seguidos por uma atenção flutuante. O método cartográfico “visa acompanhar um processo e não representar um objeto” (KASTRUP, 2007, p.2). A cartografia, então, é uma espécie de tentativa de se criar um mapa em movimento dos processos de constituição de subjetividade. De um lado, temos a cartografia como forma de ‘olhar os dados’ e, de outro, temos a etnografia virtual como método de captura e de coleta destes dados, cuja ênfase está numa proposta de investigação na Internet (FRAGOSO; RECUERO; AMARAL, 2011; KOZINETS, 2002; 2010).

Para chegar aos resultados analisados nesse trabalho, localizou-se no site de rede social facebook 320 alunos, estudados em 2007 pela pesquisa “As tecnologias digitais como modo de subjetivação e aprendizagem”, afim de investigar o que eles estavam fazendo atualmente e se estavam matriculados em alguma instituição de ensino superior. Aliado a essa ferramenta, tivemos acesso ao banco de dados da UFPel, que nos permitiu encontrar aqueles alunos dos 320 que estavam matriculados nessa instituição. No mês de março e abril foram criados questionários para serem enviados para esses 320 alunos do ensino médio das redes pública e privada, que agora encontram-se no ensino superior. No mês de maio e junho, desse ano, foram enviados os questionários para estes alunos. A partir disso foi realizado o tratamento estatístico desses dados.

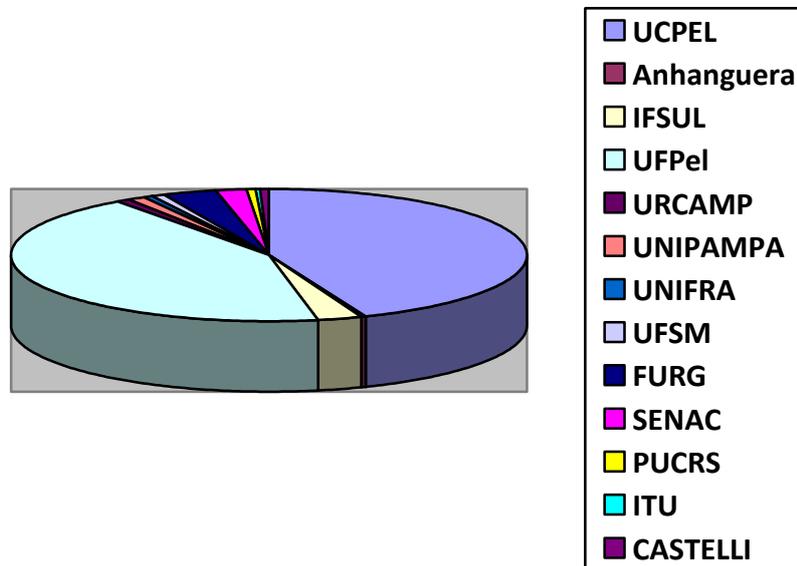
3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os dados obtidos nessa pesquisa mostraram que dos 320 estudantes pesquisados (278 da instituição particular e 42 da pública) 93 % dos 278 estudantes da escola particular possuem facebook e desses 92,6 % estão em alguma instituição de ensino superior. Já na instituição pública 86% possuem facebook e apenas 26% estão em alguma instituição de ensino. Esses dados sustentam a ideia de que a diferença na qualidade de ensino e aprendizagem entre escolas públicas e privadas, aliada à desigualdade da concentração de renda, faz com que os alunos das classes menos favorecidas não tenham acesso às mesmas oportunidades de aprendizado que possuem os alunos de classes privilegiadas.

Além disso podemos observar ao comparar o gráfico 1 (Distribuição dos alunos da rede pública em instituições de ensino superior) com o gráfico 2 (Distribuição dos alunos da rede privada em instituições de ensino superior) que nenhum aluno da rede pública encontra-se matriculado em uma instituição localizada fora do município de Pelotas, o mesmo não acontece com os alunos da rede da rede privada, pois muitos encontram-se matriculados em instituições de outras cidades, como a PUCRS, em Porto Alegre, ou a Castelli em Gramado. Também podemos constatar que a maioria dos alunos da rede pública, que estão cursando o ensino superior estão matriculados na UFPel. Já os da rede privada tem um maior leque de instituições e sua a maioria está matriculada na UCPel, que é uma universidade privada.



1 Distribuição dos alunos da rede pública em instituições de ensino superior



2 Distribuição dos alunos da rede privada em instituições de ensino superior

4. CONCLUSÕES

Esse trabalho analisou dados obtidos através da pesquisa “As tecnologias digitais como modo de subjetivação e aprendizagem”, e realizou-se o rastreamento dos 320 estudantes da fase anterior da pesquisa (2007) buscando identificar o perfil de cada um no Facebook. Constatou-se que hoje, muitos dos investigados frequentam diversos cursos de graduação nas Instituições de Ensino Superior (IES) do Rio Grande do Sul.

A partir dessa constatação procurou-se saber em qual instituição de ensino superior estava cada aluno pesquisado, afim de analisar as diferenças no modo que os alunos da rede pública e os da privada ingressam em IES. Através da análise dos gráficos da distribuição desses alunos em IES, foi possível observar que os estudantes oriundos de escolas públicas tem menos acesso a IES privadas e aquelas que são fora da cidade de Pelotas. Desse modo, as análises preliminares dos dados coletados são um indicativo das diferenças na qualidade de ensino das escolas públicas e privadas.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia.** Vol. 1. Rio de Janeiro. Ed. 34, 1995.

FRAGOSO, Suely; RECUERO, Raquel; AMARAL, Adriana. **Métodos de Pesquisa para Internet.** Porto Alegre: Sulina, 2011, 239p.

GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. **Micropolítica: Cartografias do Desejo.** 7 ed. rev. Petrópolis: Vozes, 2005.

KASTRUP, Virgínia. **A invenção de si e do mundo - uma introdução do tempo e do coletivo no estudo da cognição.** 2^oed. Belo Horizonte: Autêntica, 2007